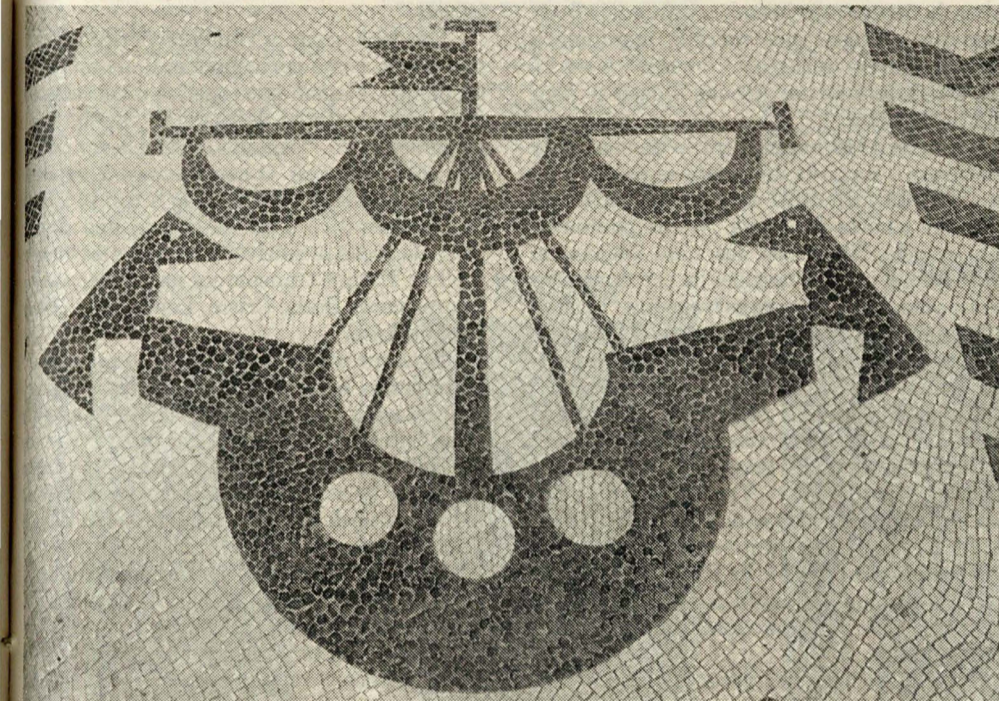


LISBOA A TERRA, A ÁGUA, O AR E OS SONHOS

Doravante, é possível definir a Lisboa de José Cardoso Pires como um símbolo. Como a Praga de Kafka, como a Dublin de Joyce ou a Buenos Aires de Borges.

LINDA SANTOS COSTA



Lisboa, Livro de Bordo — Vozes, Olhares, Memorações” é um livro-objecto que, à partida, convida à aquisição, ao manuseamento: por um lado, o aspecto de álbum, a encadernação à medida, a qualidade do papel, a justa proporção da mancha gráfica, as belas ilustrações (fotografias e reproduções de quadros de Vieira da Silva, Botelho, Eloy, Pomar e outros, cerâmicas de Bordalo Pinheiro) tudo como deve ser; por outro lado, a promessa que se inscreve no título, a cidade a suscitar a viagem cá dentro, a Expo 98 em largo cartão de visita. Livro, pois, para oferecer no Natal. Mas, aperceber-se-ão os que o lerem, “Lisboa, Livro de Bordo” é muito mais do que um livro-álbum, como sabem todos aqueles para quem o nome (e a obra) do autor, José Cardoso Pires, não passou a existir por obra e graça de um merecidíssimo Prémio Pessoa.

“Lisboa é uma república de corvos, tem histórias de corvos a dar com um pau. No entanto, se formos a ver bem, o que encontramos por toda a parte é bicharada de fábula, monstros domésticos disfarçados de canários, de cachorros, de saguis e de mil animais de estimação, e corvos, propriamente corvos, nada. Estão aonde? No brasão da cidade? Conversa.” (Cardoso Pires, “A República dos Corvos”, Dom Quixote, 1988).

Lisboa, a república dos corvos, descobre-se intacta (transfigurada pela memória) nas páginas do “Livro de Bordo”, que responde, em diferido (quase dez anos depois) à pergunta do Corvo Taberneiro do conto. O autor faz corpo com os dois corvos que — a fábula o diz — guardavam o cadáver do mártir espanhol São Vicente, na demanda de Lisboa, e com os seus olhos vê a cidade: “Logo a abrir, apareces-me pousada sobre o Tejo como uma cidade de navegar. Não me admiro: sempre que me sinto em alturas de abranger o mundo, no pico dum miradouro ou sentado numa nuvem, vejo-te em cidade-nave, barca com ruas e jardins por dentro, e até a brisa que corre me sabe sal.”

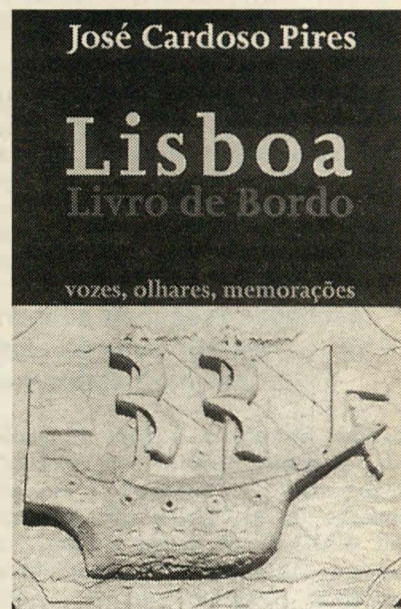
Do alto do mastro, os corvos estendem o olhar na antecipação do deambular por becos e travessas, por artes e ofícios, e será desta viagem, viagem na cidade e na memória dela, memória pessoalíssima porque com muitos outros (poetas, romancistas, pintores, cineastas, anónimos calceteiros, fadistas), que o livro de bordo dará conta. Livro de bordo e livro de contar, como o subtítulo anuncia — “vozes, olhares, memorações” —, “Lisboa, Livro de Bordo” traça o registo de uma viagem pelos avessos da cidade (a cidade dentro do coração), quer dizer, de costas voltadas para a cidade de postal ilustrado (a breve incursão ao Castelo lança o aviso: A Primeira Vista É Para os Cegos), ou para a cidade que os roteiros cultos encomendam (a sanha da romaria pelo típico que Tanner e Wim Wenders consagraram), na senda dos cheiros, do grão da voz, das nuances imperceptíveis, da laje irregular onde o pé tropeça e deixa um traço indelével na memória.

A cidade conhece-se através de um processo de autoconhecimento porque “ninguém pode conhecer uma cidade se não a souber interrogar, interrogando-se a si mesmo.” No caso de Cardoso Pires, o conhecimento é reconhecimento: a cidade (o deambulador) descobre-se projectada noutros olhares, no tempo da memória, que é eterno presente, e o que escreve sobre a pintura de Vieira da Silva — “Lisboa é uma memória que lhe ficou no coração porque, mesmo noutros temas bem distantes, muitos dos seus discursos cromáticos são ecos dos azulejos lisboetas na luz e na composição.” — poderia servir de legenda à sua obra. Não espanta, pois, que personagens de outras ficções do autor circulem por estas páginas promovendo efeitos de “trompe-l’oeil” (como diria Sebastião Opus Night) que diluem as diferenças entre os romances, os contos e os livros-testemunhos, todos autenticados pelo espírito e letra inconfundíveis do autor.

A ironia, em todas as escalas, coexiste com a ternura e com a capacidade infinita de admirar (o panteão das afinidades electivas

que não esquece os vivos), a memória literária conjuga-se com a memória pictórica e a memória anódina de uma esquina ou pedaço de chão sem história, a terra abre-se à água e ao ar (aos sonhos), tudo fecundado pela paixão do fogo. Não há fronteiras no livro-cidade onde cabe o bestiário burlesco do Palácio Fronteira revisitado por Pascal Quignard (a única gralha detectada cunhou-o “Guignard”) e a bicharada fabulosamente irónica de Rafael Bordalo Pinheiro, circula-se por ela sem os impedimentos dos buracos e do trânsito e os olhos podem repousar nas estações do Metro que o fogo não consome e tão-só alumia. De cima para baixo, da cidade para o rio, do presente para o passado, ou vice-versa (a ordem dos factores é arbitraria), descobre-se uma cidade que se repete e surge miraculosamente nova, uma cidade onde se chega e donde se parte confundindo a terra e o céu, a terra e a água, o partir e o chegar. “Então, ternamente, confiadamente, reconhecemo-nos ainda mais ancorados à cidade que nos viu partir.” — assim se encerra a navegação, o livro.

Doravante, é possível definir Lisboa como um símbolo. Como a Praga de Kafka, como a Dublin de Joyce ou a Buenos Aires de Borges, a Lisboa de José Cardoso Pires (mas, não esqueço a Lisboa de Abelaira espelhada em «Enseada Amena»). ■



TÍTULO: LISBOA, LIVRO DE BORDO
— VOZES, OLHARES, MEMORAÇÕES
AUTOR: JOSÉ CARDOSO PIRES
EDITOR: EXPO 98/PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
126 PGS., 3.990\$00

Grandes Títulos
Neste Seu Natal!

Ofereça
com alegria,
as nossas
edições.

EDIÇÃO
LIVROS DO BRASIL
Dois Mundos, Uma Cultura.